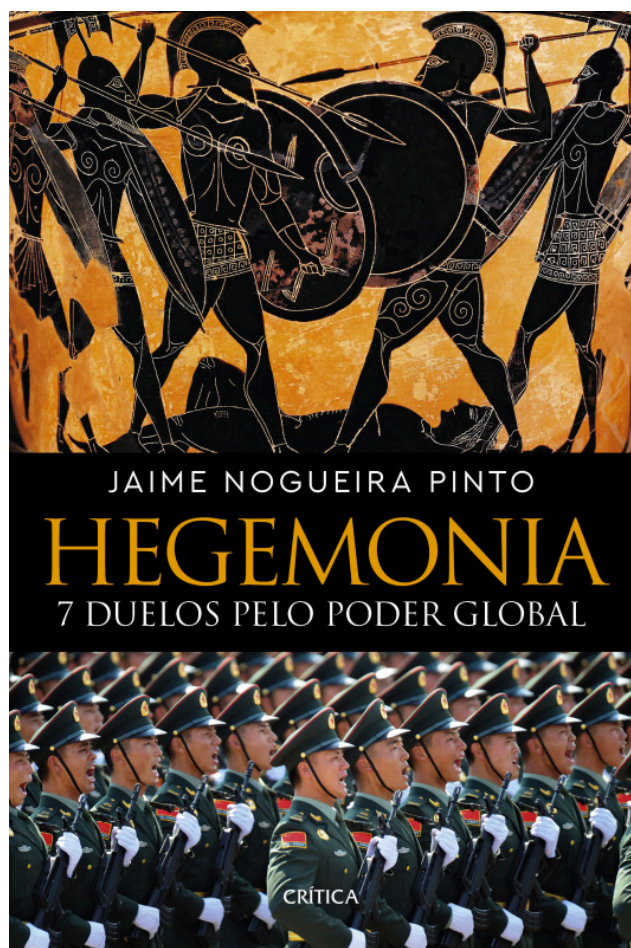


Pinto, J. N. (2021). *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*.

Crítica. Lisboa. 464 pp.

BRUNO MACHADO¹



Em todas estas guerras, frias ou quentes, sob o manto da geopolítica dos interesses e da luta pela hegemonia, estiveram sempre os móveis primeiros da ação humana: o medo, a glória e a cobiça dos chefes e dos povos

(Pinto, 2021)

Publicado em 2021, *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*, da autoria de Jaime Nogueira Pinto, propõe-se traçar uma genealogia das disputas hegemónicas que marcaram a história das relações internacionais. A obra insere-se numa linha de análise que conjuga a tradição historiográfica com o pensamento geopolítico contemporâneo, procurando interpretar o presente à luz dos padrões recorrentes de rivalidade entre potências. O autor estrutura a sua

¹ Universidade Aberta, Doutoramento em Estudos Globais, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0003-5585-4433>.

reflexão com um declarado intuito didático: fornecer ao leitor uma grelha interpretativa clara e acessível para compreender a lógica da competição pelo poder global.

A tese central do livro assenta na ideia de que as disputas pela hegemonia obedecem a uma lógica recorrente, traduzida numa sequência de confrontos entre uma potência dominante e outra emergente. Estas tensões, que atravessam diferentes períodos históricos, são organizadas por Nogueira Pinto em torno de sete duelos paradigmáticos. Esta opção metodológica permite-lhe explorar, de forma cronológica e temática, as continuidades e mutações nas estratégias de afirmação hegemónica, articulando elementos de natureza militar, económica, ideológica e tecnológica.

A estrutura do livro assenta, assim, numa narrativa sequencial, em que cada capítulo se dedica a um desses sete confrontos: Esparta vs. Atenas; Roma vs. Cartago; «Os três combates do imperador»; França vs. Inglaterra; Alemanha vs. Todos; Estados Unidos vs. União Soviética; e, finalmente, Estados Unidos vs. China. Esta escolha permite ao autor construir um fio condutor histórico que se estende da Antiguidade clássica à contemporaneidade, destacando a constância de certos padrões, como o receio da decadência por parte da potência instalada e a ambição expansionista da potência ascendente.

A primeira rivalidade, entre Esparta e Atenas, é apresentada como arquétipo das lógicas hegemónicas, ancorada no conceito de “armadilha de Tucídides”. As subsequentes – desde as Guerras Púnicas até à Guerra Fria – são analisadas como variações desse mesmo modelo, em contextos de complexidade crescente. A culminar, a atual rivalidade entre os Estados Unidos e a China é lida como a mais recente manifestação desta dinâmica, embora com contornos inéditos, nomeadamente a interdependência económica e tecnológica que torna o confronto mais difuso e menos previsível.

Através desta organização, Nogueira Pinto procura ilustrar como os mecanismos de competição pelo poder se mantêm, mesmo com mudanças no formato das alianças, nos instrumentos de dominação e nos valores invocados. O livro oferece, assim, uma leitura comparada das hegemónias, que valoriza a história como instrumento de compreensão do presente e de antecipação dos conflitos futuros. A escolha dos duelos pretende destacar aqueles que, pela sua magnitude e impacto, constituem marcos na transformação da ordem internacional. A obra de Jaime Nogueira Pinto apresenta-se como um exercício de síntese histórica e análise geopolítica, com o propósito declarado de identificar padrões recorrentes nas disputas pela hegemonia global. A sua metodologia combina a exposição cronológica de sete confrontos paradigmáticos com uma reflexão transversal sobre

as dinâmicas de poder, articulando história, geopolítica e economia.

Do ponto de vista metodológico, a escolha de sete duelos enquanto eixo narrativo é particularmente eficaz. Permite ao autor estruturar a obra em torno de episódios marcantes e, ao mesmo tempo, desenvolver uma grelha comparativa que evidencia continuidades históricas. A articulação diacrónica das rivalidades – de Esparta e Atenas até aos Estados Unidos e China – oferece uma leitura fluida e inteligível das transições hegemónicas.

Um dos principais méritos do livro reside na clareza expositiva. A escrita de Nogueira Pinto, ainda que ensaística, não abdica do rigor analítico. A pertinência do enquadramento histórico é evidente, uma vez que cada capítulo recupera contextos fundamentais das Relações Internacionais e os interpreta à luz das tensões entre potências. Além disso, a articulação interdisciplinar é eficaz ao integrar elementos materiais (recursos, comércio, indústria) com dimensões ideológicas e estratégicas num esforço que enriquece a análise das hegemónias enquanto fenómenos multifacetados.

Contudo, esta abordagem apresenta também limitações. A narrativa assenta fortemente em protagonistas como Péricles, Napoleão ou Xi Jinping, o que, embora útil para ilustrar decisões estratégicas, tende a secundarizar os fatores estruturais que moldam a política

global. O enfoque quase exclusivo nas potências estatais e nas suas lideranças compromete a abrangência analítica, deixando de fora múltiplos fatores e atores relevantes para o entendimento da ordem global contemporânea. A ausência de uma atenção mais sistemática aos fenómenos transnacionais, como a ação de corporações, movimentos e redes sociais, retira à obra alguma da sua utilidade interpretativa no plano contemporâneo. Do mesmo modo, a escassa problematização das desigualdades globais, das interdependências económicas, da globalização financeira ou dos fluxos tecnológicos transnacionais, e das novas formas de dominação económico-digital, limita o potencial da obra como ferramenta crítica para os Estudos Globais.

O contributo mais significativo de Jaime Nogueira Pinto, em *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global*, reside na capacidade de apresentar a hegemonia como um fenómeno estruturante das Relações Internacionais, visível desde a Antiguidade até aos desafios do século XXI. A articulação entre «sete duelos» históricos distintos – como a Guerra do Peloponeso, as Guerras Púnicas, a rivalidade franco-britânica, a Guerra Fria ou o atual confronto sino-americano – permite ao autor delinear uma continuidade nos padrões de ascensão, manutenção e declínio das potências, conferindo densidade analítica à obra.

Entre os méritos do livro, destacam-se a clareza expositiva e a consistência na organização

da informação. A capacidade de mobilizar referências históricas, clássicas e modernas e integrá-las numa visão de longa duração das relações de poder revela uma preocupação em fornecer um quadro coerente da História geopolítica global.

A obra fornece contributos que podem ser valorizados nos Estudos Globais, sobretudo no que respeita ao enquadramento histórico das dinâmicas de poder. A sua principal mais-valia epistemológica reside na forma como historiciza a rivalidade hegemónica e revela continuidades estruturais nos comportamentos das potências dominantes e emergentes. Este exercício de longa duração permite refletir sobre o modo como o poder global é construído, desafiado e eventualmente transformado e fornece uma base analítica que pode ser complementada com abordagens mais contemporâneas e críticas.

O recurso à “armadilha de Tucídides” permite um paralelismo entre diferentes épocas que estimula o debate em torno da inevitabilidade ou não dos conflitos entre potências. A pertinência desta analogia é particularmente evidente no caso EUA-China, cujo grau de interdependência económica, tecnológica e estratégica representa uma inovação face aos confrontos históricos descritos. Este é, aliás, um dos pontos em que o livro mais se aproxima das preocupações dos Estudos Globais, ao reconhecer a complexidade do sistema internacional atual.

O livro é especialmente útil na análise das dinâmicas de poder, permitindo aos leitores identificar padrões e motivações recorrentes nas lutas pela hegemonia. Assim, a obra contribui para a compreensão do papel dos interesses estratégicos, das alianças e dos confrontos ideológicos no desenho da ordem global, fornecendo elementos essenciais para a análise de conflitos atuais. Para quem pretende compreender as lógicas da dominação, da competição e da projeção de poder, *Hegemonia: 7 duelos pelo poder global* constitui uma boa ferramenta de leitura.

Contudo, a sua utilidade é condicionada por não abordar problemas emergentes como a crise climática, a revolução digital ou a fragmentação da ordem mundial. Perde, assim, eficácia quando se pretende aplicar os seus modelos interpretativos a contextos complexos e multifatoriais, nos quais os Estados já não são os únicos protagonistas relevantes.

A obra pode ser recomendada a estudantes de áreas como as Relações Internacionais, Ciência Política, História Global e outras que pretendam adquirir uma visão panorâmica e sistematizada das grandes rivalidades históricas. Além disso, a clareza da exposição e a narrativa tornam-na pertinente para leitores com formações diversas. O livro pode igualmente interessar a decisores políticos, analistas geoestratégicos e diplomatas que procurem contextualizar os atuais equilíbrios internacionais num quadro histórico mais vasto.

A atualidade da obra é inegável. A comparação entre confrontos históricos e a rivalidade sino-americana permite compreender os riscos associados à transição hegemónica. De facto, o recurso à História permite contextualizar os fenómenos atuais, conferindo à análise maior profundidade e contribuindo para uma com-

preensão mais informada dos desafios contemporâneos. Apesar das lacunas referidas, o livro constitui um contributo relevante para os Estudos Globais, ao disponibilizar uma narrativa estruturada, informada e comparativa das lógicas de poder que moldam o mundo contemporâneo.